



A Santa Sé

SANTA MISSA COM OS NOVOS CARDEAIS E O COLÉGIO CARDINALÍCIO ABERTURA DA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Praça São Pedro

São Francisco de Assis - Quarta-feira, 4 de outubro de 2023

[Multimídia]

O Evangelho que ouvimos está precedido pela narração dum momento difícil da missão de Jesus, que poderíamos definir de «desolação pastoral»: João Baptista duvida que Ele seja verdadeiramente o Messias; muitas cidades por onde passou, apesar dos prodígios realizados, não se converteram; as pessoas acusam-No de ser um glutão e bebedor de vinho, enquanto pouco antes se queixavam do Batista porque era demasiado austero (cf. *Mt 11, 2-24*). Vemos, porém, que Jesus não se deixa tomar pela tristeza, mas eleva os olhos ao Céu e louva o Pai por ter revelado aos simples os mistérios do Reino de Deus: «Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos» (*Mt 11, 25*). Portanto Jesus, no momento da desolação, tem *um olhar capaz de ver mais além*: louva a sabedoria do Pai e consegue vislumbrar o bem escondido que cresce, a semente da Palavra acolhida pelos simples, a luz do Reino de Deus que abre caminho mesmo na noite.

Queridos Cardeais, irmãos Bispos, irmãs e irmãos, estamos na abertura da Assembleia Sinodal. E não nos ajuda um olhar imanente, feito de estratégias humanas, cálculos políticos ou batalhas ideológicas: ver se o Sínodo vai permitir isto ou aquilo, abrir esta porta ou aquela... isso não adianta! Não estamos aqui para realizar uma reunião parlamentar nem um plano de reformas. O Sínodo, amados irmãos e irmãs, não é um parlamento. O protagonista é o Espírito Santo. Não

estamos aqui para parlamentar, mas para caminhar juntos com o olhar de Jesus, que *bendiz* o Pai e acolhe a quantos estão cansados e oprimidos. Começemos, pois, a partir deste olhar de Jesus: um *olhar bendizente e acolhedor*.

1. Vejamos o primeiro aspeto: um *olhar bendizente*. Apesar de ter experimentado a rejeição e ter visto ao seu redor tanta dureza de coração, Cristo não Se deixa prender pela desilusão, não Se torna amargo, nem extingue o louvor; fundado no primado do Pai, o seu coração permanece sereno, mesmo na tempestade.

Este olhar bendizente do Senhor convida-nos também a nós a sermos uma Igreja que, de ânimo feliz, contempla a ação de Deus e discerne o presente; uma Igreja que, no meio das ondas por vezes agitadas do nosso tempo, não desanima, não procura escapatórias ideológicas, não se barrica atrás de convicções adquiridas, não cede a soluções cómodas, nem deixa que seja o mundo a ditar a sua agenda. Esta é a sabedoria espiritual da Igreja, resumida com serenidade por São João XXIII: «É necessário primeiramente que a Igreja não se aparte do património sagrado da verdade, recebido dos seus maiores; mas, ao mesmo tempo, deve também olhar para o presente, para as novas condições e formas de vida do mundo, que abriram novos caminhos ao apostolado» (*Discurso de inauguração do Concílio Ecuménico Vaticano II*, 11/X/1962).

O olhar bendizente de Jesus convida-nos a ser uma Igreja que não enfrenta os desafios e problemas de hoje com um espírito divisor e conflituoso, mas, pelo contrário, levanta os olhos para Deus, que é comunhão, e, maravilhado e humilde, O bendiz e adora, reconhecendo-O como seu único Senhor. Somos d'Ele e – nunca o esqueçamos – existimos apenas para O levar ao mundo. Como disse o apóstolo Paulo, de nada nos queremos «gloriar, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo» (*Gal 6, 14*). Isto nos basta! Ele nos basta. Não queremos glórias terrenas, não queremos parecer bem aos olhos do mundo, mas fazer-lhe chegar a consolação do Evangelho, para testemunhar melhor, e a todos, o amor infinito de Deus. De facto, como afirmou Bento XVI dirigindo-se precisamente a uma Assembleia Sinodal, «para nós a questão é: Deus falou, deveras rompeu o grande silêncio, mostrou-Se, mas como podemos fazer chegar esta realidade ao homem de hoje, para que se torne salvação?» (*Meditação na I Congregação Geral da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, 08/X/2012). Esta é a questão fundamental. E este é o dever primário do Sínodo: centrar de novo o nosso olhar em Deus, para sermos uma Igreja que olha, com misericórdia, a humanidade. Uma Igreja unida e fraterna – ou pelo menos procura ser unida e fraterna –, que escuta e dialoga; uma Igreja que abençoa e encoraja, que ajuda quem busca o Senhor, que excita benevolmente os indiferentes, que abre caminhos para iniciar as pessoas na beleza da fé. Uma Igreja que tem Deus no centro e, conseqüentemente, não se divide internamente e nunca é dura externamente. Uma Igreja que arrisca com Jesus. É assim que Jesus quer a Igreja, assim quer Ele a sua Esposa.

2. Depois deste olhar bendizente, contemplemos *o olhar acolhedor* de Cristo. Enquanto aqueles que se consideram sábios não conseguem reconhecer a obra de Deus, Jesus exulta de alegria no

Pai porque Se revela aos pequeninos, aos simples, aos pobres em espírito. Uma vez houve um problema na paróquia e as pessoas falavam disso, contavam-me o que se passava. E uma senhora idosa, muito idosa, uma senhora do povo, quase analfabeta, teve uma intervenção própria dum teólogo, oferecendo, com muita serenidade e sabedoria espiritual, a sua contribuição. Recordo, com alegria, aquele momento como uma revelação do Senhor; e ocorreu-me perguntar-lhe: «Diga-me, senhora, onde é que estudou, com Royo Marín, esta teologia tão alta?». A gente sábia do povo tem esta fé. E por isso, ao longo da sua vida, assume este olhar acolhedor para com os mais frágeis, os atribulados, os descartados. É neles que pensa, de modo particular, ao pronunciar estas palavras que ouvimos: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos» (*Mt 11, 28*).

Este olhar acolhedor de Jesus convida-nos também a nós a sermos uma Igreja hospitaleira, não com as portas fechadas. Num tempo complexo como o nosso, surgem novos desafios culturais e pastorais que exigem uma atitude interior cordial e gentil para os podermos encarar sem medo. No diálogo sinodal, durante esta estupenda «marcha no Espírito Santo» que realizamos juntos como Povo de Deus, oxalá possamos crescer na unidade e na amizade com o Senhor, para ver com o seu olhar os desafios de hoje; para se tornar, segundo uma linda expressão de São Paulo VI, uma Igreja que «se faz colóquio» (Carta enc. *Ecclesiam suam*, 65). Uma Igreja «de jugo suave» (cf. *Mt 11, 30*), que não impõe pesos e, a todos, repete: «Vinde, cansados e oprimidos; vinde, vós que vos extraviastes ou sentis distantes; vinde, vós que fechastes as portas à esperança: a Igreja está aqui para vós!» A Igreja das portas abertas para todos, todos, todos!

3. Irmãos e irmãs, Povo santo de Deus, diante das dificuldades e desafios que nos esperam, o olhar bendizente e acolhedor de Jesus impede-nos de cair nalgumas tentações perigosas: ser uma Igreja rígida – uma alfândega –, que se arma contra o mundo e olha para trás; ser uma Igreja tépida, que se rende às modas do mundo; ser uma Igreja cansada, fechada em si mesma. No livro do Apocalipse, o Senhor diz: «Estou à porta e bato para que a porta seja aberta»; muitas vezes, porém, irmãos e irmãs, Ele bate à porta, mas do lado de dentro da Igreja, para deixarmos o Senhor sair com a Igreja a fim de proclamar o seu Evangelho.

Caminhemos juntos: humildes, ardorosos e alegres. Caminhemos pelas pegadas de São Francisco de Assis, o Santo da pobreza e da paz, o «louco de Deus» que trouxe no corpo os estigmas de Jesus e, para se revestir d'Ele, despojou-se de tudo. Como é difícil este despojamento interior e exterior em todos nós e também nas instituições! Conta São Boaventura que São Francisco, enquanto rezava, o Crucificado lhe disse: «Vai e repara a minha igreja» (*Legenda maior*, II, 1). O Sínodo serve para nos recordar isto: a nossa Mãe Igreja sempre precisa de purificação, de ser «reparada», porque todos nós somos um Povo de pecadores perdoados (ambas as coisas: pecadores e perdoados), sempre necessitados de regressar à fonte que é Jesus e de nos colocarmos novamente nos caminhos do Espírito para chegar a todos com o seu Evangelho. Francisco de Assis, num tempo de grandes lutas e divisões entre o poder temporal e o religioso, entre a Igreja institucional e as correntes heréticas, entre cristãos e outros crentes,

não criticou nem atacou ninguém, mas limitou-se a pegar nas armas do Evangelho, isto é, a humildade e a unidade, a oração e a caridade. Façamos assim também nós! Humildade e unidade, oração e caridade.

E se o Povo santo de Deus com os seus pastores, de todas as partes do mundo, nutre anseios, esperanças e até qualquer receio sobre o Sínodo que iniciámos, recordemos mais uma vez de que não se trata duma reunião política, mas duma convocação no Espírito; não se trata dum parlamento polarizado, mas dum lugar de graça e comunhão. Depois, como sucede muitas vezes, o Espírito Santo rompe as nossas expectativas para criar algo de novo que supera as nossas previsões e as nossas negatividades. Talvez possa dizer que os momentos mais frutuosos no Sínodo são os momentos de oração, e também o ambiente de oração, graças ao qual age em nós o Senhor. Abramo-nos a Ele e invoquemo-Lo: Ele é o protagonista, o Espírito Santo. Deixemos que seja Ele o protagonista do Sínodo! E com Ele caminhemos, com confiança e alegria.